

CARTA DO LÍBANO

A TRAJETÓRIA
DA FAMÍLIA
DORGAN EM
SÃO PAULO

VITÓRIA

Sônia, Silvânia
e Mariana são
pianistas em uma
tradição de família

DR. FERES CHADDAD

DO FUTEBOL
PARA A
MEDICINA
COM
CURRÍCULO
DE CAMPEÃO
MUNDIAL

CARTA DO LÍBANO

CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
FERES CHADDAD
FOTO
ERNESTO EILERS

AS GUERRAS DOS OUTROS

O Líbano está no meio de uma crise financeira e política amplamente vistas como a maior ameaça à sua estabilidade desde a guerra civil de 1975-90, encorajando uma nova onda de emigração do país.

Com a moeda forte se tornando cada vez mais escassa, a libra libanesa perdeu cerca de 80% de seu valor, os depositantes foram excluídos de suas economias e o desemprego e a pobreza estão aumentando.

As esperanças do Líbano de impulsionar a economia com as receitas do turismo foram frustradas devido à ameaça de uma guerra total, o que provocou uma série de cancelamentos de viagens, afugentando os turistas.

De acordo com o Ministério da Economia e do Comércio, em Beirute esperava-se que as receitas da temporada de verão provenientes dos visitantes - principalmente da grande diáspora libanesa - ultrapassassem os 5 a 7 bilhões de dólares registrados no ano passado. Porém, tudo isso mudou e suscitou receios de um conflito ampliado em solo libanês, entre Israel e a milícia do Hezbollah.

O conflito já custou ao Líbano mais de 10 bilhões de dólares, baseando a estimativa na perda de receitas e nos danos causados às infraestruturas.

Por que os libaneses estão sofrendo as consequências de um conflito regional que não representa seus interesses e anseios para ter uma vida saudável, pacífica e próspera? É direito dos libaneses ter uma vida digna. O que os libaneses estão colhendo desta guerra aberta e sem fim no sul do país?

Que Deus proteja este pequeno Líbano que sofre com as guerras dos outros desde 1975!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[f @cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano) [@cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)



Telefone
(24) 2102-8984

WhatsApp
(24) 2102-8984

www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinnangra.com.br

Endereço: Estrada Das Marinas, 111, Praia do Jardim, Angra dos Reis | 23907-000

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!



Telefone
(45) 3301 1468

WhatsApp
(45) 99926-1356

www.nacionalinn.com.br
reservas@goldenparkinternacionalfoz.com.br

Endereço: Rua Alm. Barroso, 2006 - Centro, Foz do Iguaçu - PR | 85851-010

SUMÁRIO

ANO 29 · NÚMERO 201 · 08.2024



06 | Feres Chaddad

Como o futebol perdeu um jogador apaixonado e a medicina ganhou um supercraque capaz de jogar em várias posições, dominar a partida e se tornar conhecido internacionalmente

16 | Família Dorgan

Duas famílias libanesas se encontraram no Brasil e deram origem a um clã dedicado à Medicina, ao Direito e à Cultura. Um de seus filhos ilustres conta essa história

24 | Miguel Dorgan

Em pouco mais de cinco décadas, o exemplo de vida desse médico mineiro marcou profundamente a existência de muitos

26 | Família Saadi

Sônia, Silvânia e Mariana Saadi recorrem à máxima de Shakespeare para explicar a vocação e o talento transmitidos por três gerações, ao piano e no ensino da música. A trilha sonora perfeita para uma jornada familiar

30 | Família Bassitt

Eduardo Bassitt Porto é empresário da hotelaria e do setor esportivo, não mede palavras para declarar duas grandes paixões: o lugar onde vive e as raízes libanesas

38 | Santo libanês

Considerado o “pai da Igreja

Maronita”, o patriarca Estefan Duwayhi viveu uma existência de fé, ensinamentos e caridade no século 17. Este ano, sua vida e seus feitos chegam mais perto da santidade. Considerado o “pai da Igreja Maronita”, o patriarca Estefan Duwayhi viveu uma existência de fé, ensinamentos e caridade no século 17. Este ano, sua vida e seus feitos chegam mais perto da santidade

44 | Verão no Líbano

Com a escalada do conflito no Oriente Médio e a crise interna que não dá trégua, o turismo no Líbano sofre prejuízos. Porém expatriados e locais driblam as perdas e mostram resiliência

52 | Sociedade

Conhecida como empresária, Rosely Cury também domina a arte de receber como ninguém. Seu almoço, para um grupo de empresários e personalidades ligadas ao mundo corporativo e das finanças, foi uma prova disso

56 | Entidade

Há mais de cem anos a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba promove os valores e a cultura de um povo, representando uma das grandes comunidades árabes do estado de São Paulo

60 | Gastronomia

El Badu's, Paladar libanês à Beira Mar

62 | ENTRE ASPAS



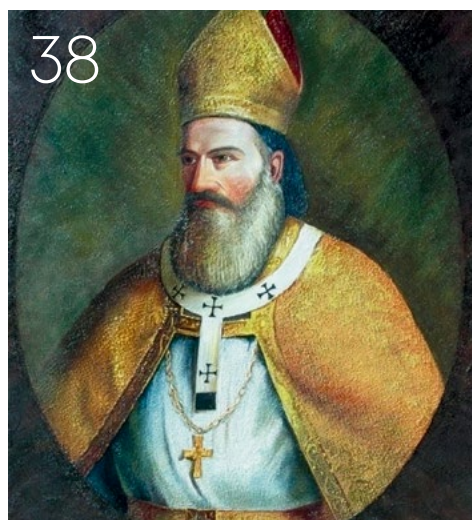
06



24



26



38



ASSINE JÁ E RECEBA EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presentando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 7307 · CONTA CORRENTE 97883-8

DOUTOR FERES CHADDAD

O CAMISA 10 DA NEUROCIURURGIA

Como o futebol perdeu um jogador apaixonado e a medicina ganhou um supercraque capaz de jogar em várias posições, dominar a partida e se tornar conhecido internacionalmente

Ele não queria ser médico. Seu sonho, na verdade, era ser jogador de futebol, arquitetando jogadas geniais, dando passes de calcanhar com maestria e marcando gols memoráveis, como Sócrates, craque da Seleção Brasileira e do Corinthians, seu time do coração. E o garoto era bom de bola. Tanto que aos 14 anos passou na peneira do próprio Corinthians. Toda semana, a mãe saía da pequena Dois Córregos, cidade próxima a Jaú, no interior paulista, e percorria mais de 300 quilômetros, para que o menino pudesse treinar e jogar em São Paulo.

O destino parecia traçado para o jovem Feres Eduardo Aparecido Chaddad Neto: ser um craque nos gramados. Mas a vida tinha outros planos. Depois de quebrar o braço duas vezes, ele foi forçado a abandonar o futebol. “Minha mãe começou a me estimular, dizendo que eu iria, sim, para o Corinthians, mas como médico. Aquilo foi crescendo em mim e conquistou meu coração”, lembra ele. Hoje, aos 52 anos, Feres Chaddad é uma referência no Brasil e no mundo quando o assunto é microcirurgia neurocirúrgica. O futebol perdeu um talento, mas a medicina ganhou um verdadeiro craque que brilha em todos os campos: ensino, pesquisa e prática médica.

Entretanto, entre deixar o futebol e abraçar

O quase craque Feres Chaddad: “Minha mãe me dizia que eu ia para o Corinthians, mas como médico”



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Um ano após se formar, em 2003, já estava operando fora do Brasil. Um dos primeiros desafios foi operar um ministro de estado europeu

a medicina, Feres teve que percorrer um longo caminho, com muito empenho e escolhas certas. A primeira delas foi onde estudar. Como muitos jovens candidatos, a grande realização seria cursar a Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP). Mas não conseguiu. Em vez disso, entrou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp), o que se mostrou um golaço para seu futuro. “As aulas mal começaram e, já na quarta-feira da primeira semana, tive neuroanatomia. Era a única faculdade de medicina com essa disciplina logo no primeiro ano”, conta ele.

ESTUDANTE APLICADO

Aquela disciplina o fascinou e mudou seus rumos para sempre. “Não me esqueço: era início do ano, em abril, e estávamos estudando o terceiro ventrículo, uma das cavidades cerebrais. Eu olhava para aquilo e conseguia enxergar além da estrutura. Comecei a desenvolver uma técnica que uso até hoje: vejo o cérebro e meus pensamentos guiam minhas mãos”, explica.

Poucos meses depois suas habilidades manuais começaram a chamar a atenção. Além do pessoal de diferentes anos, departamentos e áreas da PUCCamp, pessoas de outras universidades compareciam às aulas no laboratório para assistir às dissecções do calouro. Logo ele se tornou assistente dos professores e monitor nas disciplinas relacionadas à neuroanatomia. O sucesso o encorajou a se especializar em

neurocirurgia, e sua habilidade se destacou também durante a residência.

No último ano de residência, Chaddad participou de um congresso latino-americano onde conheceu o renomado neurocirurgião Evandro Pinto da Luz de Oliveira, professor adjunto na Mayo Clinic, em Jacksonville, EUA, um dos grandes especialistas em neurocirurgia no mundo. “Meu objetivo era conhecê-lo e chamar sua atenção. Acabei me destacando no congresso e fui convidado a encontrá-lo em seu escritório em São Paulo”, conta. O encontro marcou o início de uma parceria que traria bons frutos para ambos.

Primeiro, Chaddad se especializou em micro neurocirurgia, orientado pelo doutor Evandro. Um ano após se formar, em 2003, já estava operando fora do Brasil ao lado de seu mentor. Um dos primeiros desafios foi operar um ministro de estado europeu. “A cirurgia foi um sucesso e abriu ainda mais portas. Logo eu estava ministrando palestra nos Estados Unidos, dando cursos na Europa e realizando cirurgias na Ásia. Quando parte da equipe do doutor Evandro se afastou, tive a oportunidade de me tornar primeiro assistente, participando de procedimentos cada vez mais complexos”, conta o médico.

NOS PASSOS DO MESTRE

Além de abrir os cursos do doutor Evandro, Chaddad também participava ativamente das cirurgias, atendendo várias pessoas com necessidades variadas e doenças complexas. Para

Porto seguro:
Chaddad com a
filha Marina e a
mulher, Patrícia



“Trabalhar com o doutor Evandro (Pinto da Luz Oliveira) foi decisivo para minha vida. Ao lado dele desenvolvi minhas habilidades na neurocirurgia”

Chaddad, “trabalhar com o doutor Evandro foi decisivo para minha vida. Ele foi uma referência mundial em aneurisma cerebral e malformação arteriovenosa. Ao lado dele desenvolvi minhas habilidades na neurocirurgia”.

O domínio das técnicas padrão-ouro da microcirurgia moderna é apenas uma das razões pelas quais Feres Chaddad se tornou uma figura de renome internacional. Os convites para lecionar e ministrar cursos em universidades da América Latina, América do Norte e Europa são um reconhecimento dos métodos inovadores e do conhecimento que ele desenvolveu e produziu como pesquisador. A cada ano, seu trabalho resulta na publicação direta de quase 30 artigos científicos. Essa trajetória começou com o mestrado e o doutorado em neurologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ainda com a orientação de Evandro de Oliveira. O pós-doutorado foi realizado na Universidade da Flórida e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Em 2012 realizou um sonho, tornou-se professor adjunto da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, onde dez anos depois conquistou o título de professor livre-docente.

UM CRAQUE EM VÁRIAS POSIÇÕES

Na UNIFESP, Chaddad tornou-se chefe da disciplina de Neurocirurgia e do setor de Neurocirurgia Vasculard, além de professor da pós-graduação em Neurologia e Neurociências.

Também coordena atividades e orienta alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. O programa de Fellow em Neurocirurgia Vasculard, criado por ele, é um dos mais prestigiados e concorridos em todo o mundo.

Para sustentar a pesquisa de ponta, Chaddad e equipe investem continuamente em uma estrutura moderna. Por meio de parcerias público-privadas, convênios e doações, a UNIFESP adquire equipamentos de última geração e amplia sua infraestrutura. Um exemplo é o Laboratório de Anatomia Micro Neurocirúrgica, reinaugurado em 2018, com 21 bancadas equipadas com microscópios de alta resolução e tecnologia avançada para dissecação micro neurocirúrgica, tornando-se o maior do Hemisfério Sul.

“Nada disso seria possível sem o investimento na formação de profissionais do altíssimo nível. Professores que participam e ministram cursos ao redor do mundo trazem para cá o que há de mais avançado. Com isso, assumimos a missão de formar novas gerações de cientistas, médicos e pesquisadores. Recebemos diariamente alunos de todo o mundo, cerca de 20 a 30 estrangeiros, para acompanhar o que fazemos aqui. Esse é o papel da universidade pública: desenvolver o país e se tornar uma referência mundial”, reforça Chaddad, que também coordena o laboratório.

INOVAÇÃO E RECONHECIMENTO

A inovação e o reconhecimento acompanham

Orgulho: Neide e Arlindo Chaddad com o filho doutor, no dia da formatura



“Hoje, pessoas de todo o Brasil e de outros países nos procuram para serem tratados e também para aprender”

Feres Chaddad em outras frentes de atuação. O Hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo, parceiro da UNIFESP, integra o ranking World's Best Hospitals da revista Newsweek, sendo considerado uma das melhores instituições de saúde do mundo. Dentre as especialidades mais conceituadas está a Neurocirurgia, coordenada por Chaddad, apontada como a número um do Brasil e da América Latina, além de uma das mais avançadas do mundo.

A avaliação da pesquisa envolveu mais de 2.300 hospitais em 28 países, considerando excelência no atendimento, pesquisa, inovação e capacidade contínua para fornecer assistência de alta qualidade, além de realizar pesquisas médicas relevantes antes e durante a pandemia da Covid-19. “Opero em hospitais renomados como o Albert Einstein, Sírio Libanês e Beneficência Portuguesa. Porém na Beneficência, trabalhamos com a proposta de ser um centro de ponta e de excelência tanto em assistência médica quanto em ensino e pesquisa. E estamos conseguindo, superando desafios e perseverando. Hoje, pessoas de todo o Brasil e de outros países nos procuram para serem tratados e também para aprender”, resume.

A HERANÇA LIBANESA

Embora os avanços tecnológicos e as descobertas sobre o cérebro permitam tratamentos cada vez mais complexos, a cirurgia ainda é uma intervenção delicada, que exige cautela. Chaddad recorda o caso de um menino internado no Sírio

Libanês com um angioma cavernoso, uma anomalia nos vasos sanguíneos do cérebro. “Ele foi orientado a fazer radioterapia, inclusive nos Estados Unidos, mas percebi que não seria eficiente e indiquei uma microcirurgia. Eu mesmo operei. O menino está totalmente curado”, informa. Como neurocirurgião, Chaddad acredita que não deve ceder a temores e sim fazer o que é o melhor para o paciente, independente de quem seja. “Não procuro saber se a pessoa é anônima ou famosa, trato todos da mesma forma. Por isso, recebo os casos mais difíceis”, diz.

Ao contrário de muitos médicos, ele acredita que é preciso mais do que apenas executar bem o trabalho; é necessário um compromisso verdadeiro com o paciente. Tanto que, depois do procedimento, ele faz questão de explicar e mostrar vídeos para que o paciente entenda o que foi feito. “Isso é algo estranho para as novas gerações, mas para mim é uma herança que vem de casa”, conta.

Seu avô, Feres Chaddad, nasceu em 1889, em Beirute, no Líbano. Veio para o Brasil aos 22 anos e, mesmo sem falar o português, estabeleceu-se no interior de São Paulo, em Dois Córregos, onde abriu uma loja de roupas, a Casa Chaddad. O negócio prosperou sob a gestão de Arlindo, filho do fundador e pai do neurocirurgião, junto com sua esposa Neide Gomes, filha de espanhóis de Bilbao.

“Depois da morte de meu pai, em 2007,

Formando outros craques: Curso ministrado pelo doutor Chaddad em Saint Louis, nos Estados Unidos. (abaixo) É a turma do curso de Anatomia Micro Neurocirúrgica, realizado na Escola Paulista de Medicina



“Meu pai nunca fez distinção entre as pessoas. Ele nos ensinou que nunca se deve derrubar alguém para subir na vida. O que é nosso será nosso”

minha mãe decidiu fechar a loja. Mas levo comigo muitas recordações de lá, da minha infância e juventude. Foi em casa que Andreia, minha irmã mais nova, e eu desenvolvemos o amor pelas ciências. Ela hoje é professora de matemática. Sempre fomos incentivados por nossos pais. Além disso, adquiri um gosto refinado pela culinária, tanto pela espanhola quanto pela árabe”, revela Feres. Seus restaurantes preferidos em São Paulo são os de comida árabe, como o Monte Líbano, que frequenta com sua mulher, Patrícia, e sua filha Marina.

O impacto dos relacionamentos em sua vida também foi significativo. “Meu pai nunca fez distinção entre as pessoas, era gentil. Tratava todos com gentileza e valorizava o caráter. Ele nos ensinou que nunca se deve derrubar alguém para subir na vida. O que é nosso, será nosso, mas é preciso lutar com esforço e resiliência, sem prejudicar os outros”, observa Chaddad, enfatizando que esses valores estão presentes com eles em todas as cirurgias que realiza.

Apesar de nunca ter visitado o Líbano, Chaddad guarda o desejo profundo de conhecer o país. “Fui convidado para lecionar lá, mas na época havia conflitos na região e não foi possível. Espero que surjam outras oportunidades”, reconhecendo a importância da comunidade árabe no desenvolvimento da medicina e da cirurgia no Brasil, citando como exemplos os renomados profissionais Adib Jatene e Angelita Habr-Gama.

Enquanto aguarda a viagem ao país dos antepassados, Feres Chaddad segue realizando cirurgias mundo afora. Unindo dom, determinação e fé. Para ele, não basta resolver o problema do paciente. É preciso realizar o melhor, pois trata-se do que a pessoa tem de mais valioso. “Na minha experiência, aprendi a importância de não me emocionar. Se estiver complicado, procuro me manter firme na posição, pois o nervosismo pode fazer com que se perca o raciocínio e, pior, tremer as mãos, o que pode colocar tudo a perder”.

Chaddad acredita que a maioria dos médicos teme operar devido à instabilidade emocional. Para evitar riscos, ele adia qualquer procedimento se estiver indisposto ou preocupado. “Se estou com dor de cabeça ou perturbado por algum problema, não opero. Prefiro ser xingado pelo paciente a comprometer sua segurança. Tenho convicção no que faço e acredito no direcionamento de Deus. Sempre peço ajuda ao Senhor, e já senti a intervenção divina guiando minhas mãos durante uma cirurgia”, revela o neurocirurgião, um católico fervoroso.

Essas crenças, longe de facilitar a vida, apenas aumentam sua responsabilidade. “Quando entro no centro cirúrgico, não tenho hora para sair de lá. Não existe ‘sextou’ ou ‘sabadou’. Confio em Deus, mas não abro mão da minha inteligência, criatividade e habilidade. Sei que são dons que Ele me deu. O foco é no resultado final e cada detalhe importa. Para mim, realizar uma cirurgia é como criar uma obra de arte”, finaliza. ■

Hotel Le Royal no Líbano

PREÇO DIFERENCIADO
PARA CONFELIBRA
E COMUNIDADE
LIBANESA DO BRASIL




Le ROYAL
HOTEL - BEIRUT

Dbayeh Beirut
Lebanon 2501 1305
+961 4 555555
www.leroyal.com/en/beirut

Ótima localização, perto do mar e acesso fácil a todas as localidades. Estiloso, vista deslumbrante do mar Mediterrâneo. Apresenta uma grande variedade de quartos e suítes, experiências gastronômicas e instalações recreativas.

FAMÍLIA DORGAN

ENTREVISTA: FELIPE DORGAN

“NOSSA FAMÍLIA REPRESENTA O QUE A ORIGEM LÍBANESA FEZ POR ESTE PAÍS”

Duas famílias libanesas se encontraram no Brasil e deram origem a um clã dedicado à Medicina, ao Direito e à Cultura. Um de seus filhos ilustres conta essa história

Renomado médico ginecologista e obstetra, Felipe Dorgan conhece profundamente a história de sua família e cultiva suas origens árabes com orgulho. Das montanhas do Líbano até o sul de Minas, o interior e a capital Paulista, a trajetória e a união dos Dorgan e Rezek resultou em um verdadeiro clã que fez do trabalho, da ciência e da cultura sua verdadeira riqueza. Nesta entrevista, o doutor Felipe relembra o pioneirismo dos avós, as conquistas de seu pai e a resiliência da comunidade libanesa que prosperou em uma nova pátria sem jamais esquecer daquela que carrega na alma.

“ Graças à educação de bons princípios e muita inteligência nosso povo nosso povo consegue se sobressair em diversas áreas ”



FOTOS: FOUAD NAIME E ÁLBUM DE FAMÍLIA

Felipe Dorgan, ginecologista e obstetra, conta com orgulho a saga dos antepassados imigrantes que assumiram a nova pátria sem jamais abrir mão do amor pela terra natal



Pose para a posteridade: Vicente e Marieta à dir., com o s cinco filhos: Renato, Miguel, Ibrahim, Ivone e Luis



Página da vida: Najla com Maria Aparecida no colo, respectivamente avô e mãe de Felipe Dorgan. Da esq. para a dir., Chein Massud e esposa, Erundina, Badiha Rezek (mãe de Chein), Wadiha e Felipe Rezek (o avô pelo lado materno)

“ Em um curto trajeto de vida, meu pai construiu três hospitais. Seu legado é importante na área médica e na área familiar ”

CARTA DO LÍBANO: Qual a origem da sua família?

FELIPE DORGAN: Pelo lado paterno, da cidade de Bouar, na costa libanesa, e a pronúncia correta do nome é “Dargan”. Meu avô, Vicente Dorgan, era o filho mais novo de sete ou oito irmãos e já nasceu aqui no Brasil, no sul de Minas Gerais. Os outros irmãos eram todos nascidos no Líbano. O pai dele, meu bisavô, Miguel “Dargan”, tinha um navio da marinha libanesa e transportava especiarias para as Américas. Quando deixou a família no Brasil, ele fez uma última viagem para Cuba e Estados Unidos, sofrendo um naufrágio na volta. Minha bisavó ficou aqui com os filhos. Meu pai, filho de Vicente Dorgan, recebeu o mesmo nome do avô, Miguel. Ele era o mais velho de cinco filhos. Meu avô Vicente se casou com Marieta Unes, nascida no Brasil, filha mais nova de uma família de imigrantes libaneses. O sobrenome original da família era Yunes, da região de Tabarja. Meu pai é da segunda geração nascida no Brasil. Pelo lado materno a origem vem da região de Ras Baalbek. Meu avô, Felipe Rezek - que na verdade se chamava Salim Rezek- e minha avó eram da mesma família. Ela se chamava Najla Rezek. Eles tiveram uma única filha, minha mãe Maria Aparecida Rezek. É uma história como a de tantos outros libaneses. Meu pai foi criado no interior de São Paulo, filho de um comerciante de secos e molhados e armarinhos. Por vontade do meu avô ele veio estudar contabilidade na cidade de

São Paulo, acabou fazendo paralelamente o curso pré-vestibular para Medicina e entrou na Escola Paulista de Medicina. Meu pai então escreveu para a minha avó, pedindo que ela acalmasse o pai, porque ele havia feito o curso de contabilidade, mas queria permanecer em São Paulo estudando Medicina e iria trabalhar para se manter, sem precisar do auxílio paterno. E assim ele fez. Quando se formou voltou para a cidade de origem, Mococa, mas lá já existia um médico estabelecido e não havia oportunidade para um iniciante. Então meu pai decidiu se mudar para a cidade vizinha, São José do Rio Pardo, onde permaneceu por oito anos. Um amigo do meu avô, Abud Rezek, irmão de minha avó Najla (que viveu até os 106 anos) quis apresentar o meu pai para sua sobrinha, da cidade de Mogi Mirim, que era a minha mãe. Meu avô Felipe, pai da minha mãe, queria que o casal permanecesse morando em Mogi Mirim, mas meu pai decidiu se mudar para São Paulo. Assim, meu avô vendeu tudo que tinha em Mogi e comprou a casa da nossa família em São Paulo, onde eu moro até hoje. Meu avô Felipe considerava meu pai como um filho e o ajudou a se estabelecer em São Paulo.

CARTA: Seu pai, Miguel Dorgan, deixou um grande legado. Fale sobre isso.

FELIPE: Em um curto trajeto de vida, ele morreu aos 59 anos, meu pai construiu três hospitais: Hospital Maternidade do Belém, Hospital Monte Sinai de São Paulo e o Hospital de Interlagos, uma instituição cristã-espírita dedicada ao atendimento da população carente que existe até hoje. Seu legado é muito importante na área médica e na área familiar, com dois filhos médicos. Minha esposa, Livia Maria Iaconelli Dorgan, também é médica, uma renomada cirurgiã plástica. Meu irmão é professor titular de cirurgia de tórax na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Minha irmã é uma ilustre advogada. E eu, modestamente, consegui me formar médico.

CARTA: Qual o nome de seus irmãos?

FELIPE: Meu irmão mais velho é Vicente Dorgan Neto - casado com Sibeli Ritti - e minha irmã, a filha mais nova, Marina Dorgan - casada com Eduardo Monteiro da Silva Filho, já falecido. Nossa família resume o que a nossa origem libanesa fez por este

país. É uma pequena amostra do que fizeram tantas outras famílias, que vieram para cá e fizeram a América, além de adotar a pátria. O Brasil é nossa segunda pátria e a primeira é o Líbano. As próximas gerações são orientadas da mesma forma, com os mesmos preceitos e a mesma filosofia, além do amor ao trabalho e ao próximo. Graças a essa educação de bons princípios e muita inteligência nosso povo consegue se sobressair em diversas áreas, como na cultura e na ciência, em todo o mundo.

CARTA: Quando chegaram no Brasil, em que cidade seus antepassados se estabeleceram em Minas?

FELIPE: Uma parte dos Rezek se estabeleceu no sul de Minas, em Conceição do Rio Verde. Meu avô, pai de minha mãe, migrou para a região vizinha, em Mogi Mirim, São Paulo. Pelo lado paterno, a família também foi para o sul de Minas, na cidade de Nepomuceno. A família Yunes, os Unes. Em São Gonçalo do Sapucaí se estabeleceram os Dorgan. Mais tarde eles migraram para São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto. Outra parte dos irmãos veio para a capital. Meu avô paterno foi para Mococa.

CARTA: Em que ano seu pai, doutor Miguel Dorgan, faleceu?

FELIPE: Em 1982. Aos 44 anos ele teve uma doença cardíaca, sofreu um infarto, mas conseguiu sobreviver por mais 15 anos. Naquela época os recursos da medicina não eram iguais aos atuais. Estavam começando a introduzir as cirurgias de ponte de safena. O pouco conhecimento da época abreviava a existência do cardiopata.

CARTA: Qual a influência da sua mãe na sua vida?

FELIPE: Muito grande, porque vivemos mais tempo com ela do que com meu pai. Minha mãe tinha formação no magistério e recebeu uma educação muito esmerada, estudou em colégio de freiras carmelitas, que forneciam uma formação que muitas vezes os imigrantes não tinham, pois chegavam aqui como uma pedra bruta. Minha mãe foi lapidada com uma educação refinada. Ela nos marcou muito, sobretudo na maneira como se comportava e no tratamento esmerado para com

todas as pessoas. Esse foi o seu grande legado. Curioso, porque o pai dela, meu avô, não era um homem alfabetizado, mas era muito inteligente e fez questão que ela frequentasse o melhor colégio e tivesse a melhor formação.

CARTA: O senhor é da segunda geração da sua família nascida no Brasil. Na terceira geração, também há médicos?

FELIPE: Sim, meu filho mais novo é médico, Miguel Dorgan Neto. E minha filha Luísa é advogada. Miguel é especializado em UTI, intensivista. Um menino trabalhador que tem o perfil do avô. Dedicado à medicina, mais cientista do que comerciante. Uma parte dos libaneses tem a característica de ser voltada para o comércio e finanças, e outra parte voltada para a ciência, como é o caso do meu filho Miguel.

CARTA: Onde as suas raízes libanesas mais influenciaram na sua formação?

FELIPE: Influenciam em tudo. Todos os preceitos vindos da educação dos meus avós, que primavam pelo trabalho e pelo estudo, se perpetuaram até a terceira geração. Porque eles nasceram para o trabalho e o progresso. A formação religiosa cristã influenciou muito a nossa educação. Então, desde o início, nós aprendemos a amar o próximo, a não desejar para ou outro aquilo que não queremos para nós. Sempre voltados para a caridade e a generosidade. Isso vem das nossas raízes.

“ Minha mãe nos marcou muito, sobretudo no tratamento esmerado com as pessoas. Esse foi o seu grande legado ”



O clã hoje: Livia e Ana Luísa à frente de Flavia, Sibebe, Marina e Felipe. E de Eduardo, Vicente, Alexandre, Luísa, Eduardo e Miguel Neto



1. Felipe e a mulher, Livia, com os filhos, Luísa e Miguel Dorgan
 2. Vicente e Sibe Dorgan
 3. As belas Luísa, Ana Luísa e Marina Dorgan

“Meu primo, o jurista Francisco Rezek, é uma pessoa que faz jus ao que é ser descendente de libaneses”

CARTA: O senhor já esteve no Líbano?

FELIPE: Estive, e assim que pisei em solo libanês me senti em casa. A minha primeira impressão foi que eu já havia vivido naquele lugar e que ali fervia o meu sangue. Meu sangue se identificou com os ares da região. É uma coisa muito forte que está no DNA, na nossa origem. Para mim o Líbano se tornou um lugar para onde eu gostaria de voltar sempre. Não foi apenas uma viagem para conhecer, mas um lugar que acabou se integrando ao meu espírito.

CARTA: Em que ano a família de seu avô chegou ao Brasil?

FELIPE: Felipe Rezek, que veio primeiro, chegou em 1900. O outro avô já nasceu no Brasil, em 1900. Felipe se casou com uma brasileira, ficou viúvo, voltou ao Líbano por volta de 1927 e se casou com a minha avó que também era de lá e parente dele. Minha mãe nasceu em 1933, em Campinas. Meu pai nasceu em 1922, quando Vicente Dorgan tinha 22 anos.

CARTA: Onde o senhor estudou?

FELIPE: Cursei medicina no Rio de Janeiro. Nasci em 1955, meu irmão Vicente é de 1953 e minha irmã Marina nasceu em 1962. Infelizmente meu pai não chegou a ver a formatura e o casamento da minha irmã. Mas o resultado da nossa educação fez com que meu pai fosse embora com a sensação do dever cumprido. Pelo pouco tempo

que ele viveu seu legado foi muito grande e está presente até hoje.

CARTA: Tem contato com seus primos?

FELIPE: Tenho contato com todos eles. Como minha mãe era filha única, os primos são mais para o lado paterno. Minha tia Ivone, a segunda filha, não se casou e não teve filhos. O terceiro filho, meu tio Ibrahim, teve um filho que é médico otorrino e duas filhas formadas em Psicologia e Economia. Tio Luiz Carlos Dorgan, quarto filho, é médico e meu primo mais velho, Luiz Carlos, também. Assim como o outro filho, Luiz Claudio. Minhas primas Andréa e Adriana são respectivamente administradora de empresas e psicóloga. Meu tio mais novo, Renato Dorgan, era advogado e teve dois filhos: o mais velho, Renato Dorgan Filho, é advogado e a mais nova, Alessandra Dorgan, é cineasta.

CARTA: Como o senhor vê seu primo, dr. Francisco Rezek, uma celebridade brasileira?

FELIPE: Minha avó Najla e a mãe dele eram primas, passaram a infância juntas no Líbano. Ele é um jurista altamente respeitado em todas as esferas, mundialmente. É dono de uma inteligência privilegiada e, ao mesmo tempo, é uma pessoa simples e humilde com quem, em pouco tempo de conversa, se consegue aprender muita coisa. Ele é admirável e uma das pessoas que faz jus, em nível mundial, àquilo que representa ser descendente de libaneses. O ilustre filho de um libanês que também veio fazer a América. Um motivo de orgulho para a nossa família e para toda a colônia libanesa no Brasil.

CARTA: Doutor Felipe, o senhor poderia deixar uma mensagem para nossos leitores?

FELIPE: Deixo uma frase sobre o que o imigrante libanês representa para esta pátria: Estamos no Brasil e adotamos o Brasil como nossa pátria, deixando impresso aqui um pouco do que é o Líbano. Conseguimos somar tanto na cultura como no comércio e em todas as áreas possíveis, como um descendente que se destaca como bom profissional e uma pessoa formadora de opinião. O que o libanês deixou aqui no Brasil é um paradigma para a sociedade que ele adotou cem por cento. ■

FAMÍLIA DORGAN

MIGUEL DORGAN O BOM DOUTOR

Em pouco mais de cinco décadas, o exemplo de vida desse médico mineiro marcou profundamente a existência de muitos

Ao morrer prematuramente aos 59 anos, em 23 de maio de 1982, o médico Miguel Dorgan deixou um legado digno de alguém que viveu muito mais. Engajado no aprimoramento do atendimento e acolhimento no Sistema de Saúde desde o início de sua carreira, fundou dois hospitais, construiu outro e jamais mediu esforços para implantar e desenvolver serviços de auxílio médico e odontológico para a população de baixa renda nas cidades por onde passou.

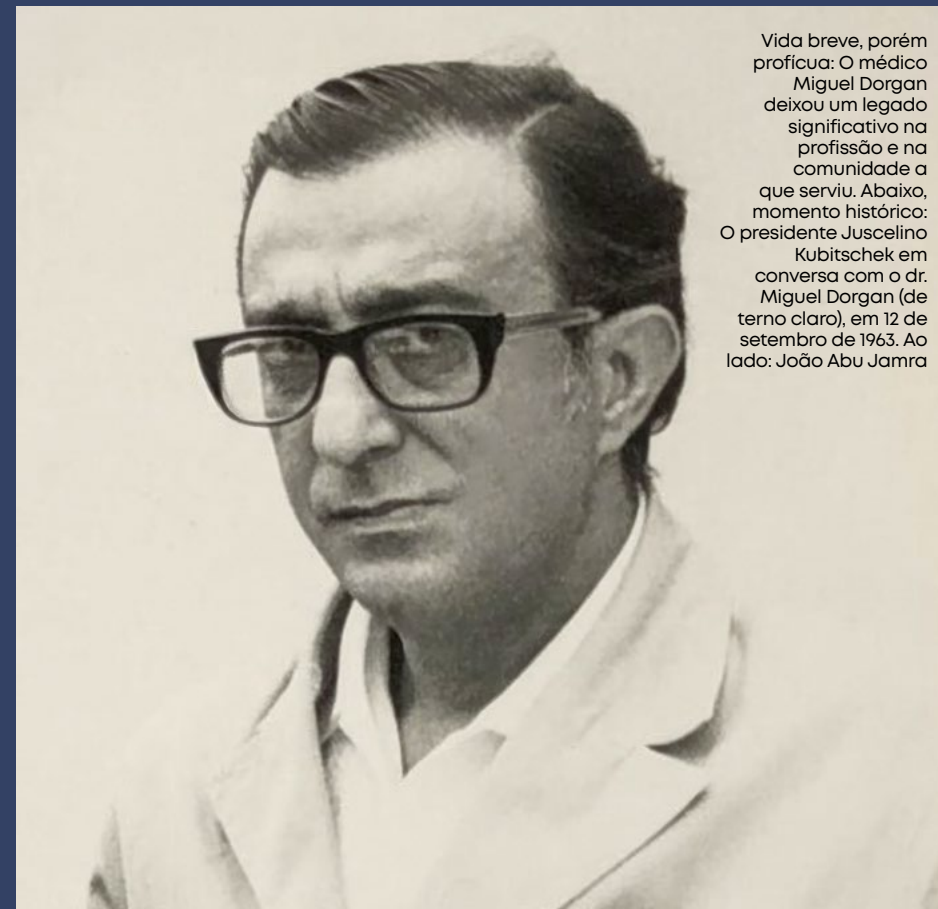
Miguel Dorgan era mineiro de Nepomuceno, nascido em em 2 de outubro de 1922, em uma família de origem libanesa. Formou-se pela Escola Paulista de Medicina, em 1947, e já como estudante era monitor-interno da Cadeira de Cirurgia Geral. Casado com Maria Aparecida Rezek Dorgan, tiveram três filhos: os também médicos Vicente Dorgan Neto e Felipe Dorgan, e a advogada Marina Dorgan.

Sua trajetória na medicina e na ação social começou em São José do Rio Pardo, cidade onde se estabeleceu durante sete anos, angariando

grande prestígio e popularidade junto à população. Paralelamente à atividade de Cirurgião-Geral da Santa Casa de Misericórdia da cidade, chefiou o posto de saúde da vizinha Tambaú.

Ao se mudar para a capital paulista, manteve dois consultórios particulares - na Zona Norte da cidade e no Centro. Além de trabalhar na Maternidade da Lapa, fundou o Hospital e Maternidade do Belém e o Hospital Monte Sinai. Sempre dedicado à saúde pública, ocupou a presidência do Templo do Cristianismo Espírita e construiu o Hospital de Interlagos, que se tornou uma instituição de utilidade pública e permanece em funcionamento até hoje. Nessa instituição criou o Clube das Mães, para o atendimento e orientação de gestantes. Em 1975 ingressou no Rotary Club - seção Santa Cecília - ampliando suas atividades filantrópicas. Eleito como presidente do Rotary para o biênio 1982-1984 não chegou a tomar posse, recebendo postumamente o título "Paul Harris" pelos serviços prestados junto à comunidade.

Seu valioso legado marcou gerações e prossegue reverberando como exemplo a ser lembrado e seguido. ■



Vida breve, porém profícua: O médico Miguel Dorgan deixou um legado significativo na profissão e na comunidade a que serviu. Abaixo, momento histórico: O presidente Juscelino Kubitschek em conversa com o dr. Miguel Dorgan (de terno claro), em 12 de setembro de 1963. Ao lado: João Abu Jamra



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

FAMÍLIA SAADI

SÔNIA, SILVÂNIA E MARIANA SAADI

MÚSICA, O ALIMENTO DA ALMA

Elas recorrem à máxima de Shakespeare para explicar a vocação e o talento transmitidos por três gerações, ao piano e no ensino da música. A trilha sonora perfeita para uma jornada familiar

O casal Kafa e Antônio Saadi foram pais de sete filhos: Elias, Jorge, Mali, Marina, Abido, Francisco e Saadi Antônio Saadi. A família inicialmente se estabeleceu na cidade de João Neiva, no

Espírito Santo, trabalhando no comércio local. Mais tarde mudaram-se para a capital do estado, Vitória.

Nos anos 1950, o filho mais velho, Elias Saadi, tornou-se um bem-sucedido exportador de café, em sociedade com Marcus Chulam e Ricardo Cohen.

Abido Saadi estabeleceu-se como próspero comerciante de calçados, proprietário da Sapataria Carone. No mesmo ramo, outro irmão, Francisco, era dono da Sapataria Real. Enquanto Jorge Saadi tinha seu comércio de tecidos, chamado A Queimadeira.

Morador de João Neiva, Abido fazia todos os dias o mesmo caminho do trem da linha Vitória-Belo Horizonte. Neste trânsito, certo dia viu no trem uma linda moça loira de olhos azuis, parecendo uma “deusa do Olimpo”. Ela, por sua

vez, viu aquele homem moreno, lindo, montado em um cavalo negro e seus olhos se encontraram num relance. Cupido foi certeiro e flechou os corações dos jovens. Abido seguiu o trem até Colatina, onde procurou saber quem era aquela beldade.

Era Nair Dalla, uma das filhas mais novas de Dona Marieta e Jacob Dalla. Como o encanto foi recíproco, começaram a namorar e rapidamente se casaram indo morar em Vitória. Tiveram quatro filhas: Sônia, Isabel, Sandra e Kafa.

Os pais de Nair também eram imigrantes. Jacob Dalla era sírio e Maria Mareiro Mourão, italiana de Trento. Ao se casar foram morar em Colatina, Espírito Santo. Jacob já era então um rico empresário de café, proprietário de várias lojas e de um açougue. Tinham 14 filhos: João, Elias, Michel, Jacob, Moacyr, Marta, Rosa, Kalu, Maria, Myrtz, Jefferson, Nair, Adelaide e Emília. O filho Moacyr Dalla tornou-se político e foi presidente do Senado durante o governo José Sarney.

Filha, neta e bisneta de Abido Saadi e Nair Dalla Saadi, Sônia, Silvânia e Mariana, pianistas e professoras renomadas na capital capixaba,



O som da música: Sônia, Silvânia e Mariana Saadi são filha, neta e bisneta de Nair Dalla e Abido Saadi

FOTOS: PEDRO PERMUY E ÁLBUM DE FAMÍLIA

Acorde perfeito: Nair Dalla e Abido Saadi, história de amor e harmonia



elas contaram a Carta do Líbano um pouco das raízes sírias e brasileiras e como é o compasso da vida ao piano.

CARTA: Mãe, filha e neta pianistas e professoras: como a vocação passou de uma geração para outra e como funciona essa equação musical familiar entre vocês?

SÔNIA SAADI BARROS: Na realidade, a música veio do desejo da minha mãe, Nair Dalla Saadi, de estudar música. Cresci com ensinamentos musicais, me formei e me dediquei. Inspirei minha filha mais nova, Silvânia Saadi, que fundou o Curso Livre de Piano e Teclado, em Vitória. Ela, por sua vez, passou os ensinamentos para sua filha Mariana, que deu continuidade à escola em Belo Horizonte.

CARTA: Como a música aconteceu na sua vida? Havia algum outro músico na família ou você foi a primeira?

SÔNIA: Fui a primeira a me dedicar integralmente à música, escolhendo como carreira profissional. Sou formada pela Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), onde trabalhei por 27 anos.

CARTA: Silvânia, a senhora sempre quis fazer um caminho profissional na música? O quanto a trajetória de sua mãe foi importante na sua trajetória?

SILVÂNIA: A música foi a minha primeira escolha.

Acompanhei minha mãe por muitos anos em suas aulas e aquilo foi minha inspiração de vida.

CARTA: Mariana, qual o grande ensinamento que recebeu de sua mãe e de sua avó?

MARIANA: A música foi introduzida na minha vida com tanta leveza, que me motivou a seguir os passos e os ensinamentos das duas.

CARTA: Vocês são personalidades de destaque na sociedade de Vitória, não pensaram em fazer carreira em outra cidade brasileira ou no exterior?

SÔNIA: Buscamos aprimorar nossos conhecimentos fora de nossa cidade, inclusive no exterior. Sônia fez pós-graduação em São Paulo, Silvânia morou cinco meses em Londres, para se especializar, atualizar seus conhecimentos e metodologias. Mariana fez conservatório em Santiago do Chile.

CARTA: Como é ensinar piano para os jovens da geração digital? Qual a reação deles ao repertório clássico?

SÔNIA: O incentivo da família é muito importante. Muitos jovens buscam a música como desejo da família e descobrem sua vocação. A era digital tem seu lado positivo. A acessibilidade das plataformas de música aproximou o jovem da sua realidade, podendo fazer aulas online com excelentes resultados. Com relação ao repertório clássico, a nova geração conhece, mas não busca para a prática no piano, com as devidas exceções.

CARTA: O que há de mais gratificante em se trabalhar com ensino e com música?

SILVÂNIA: Ensinar os primeiros passos, e assistir a evolução de cada aluno, não tem preço. A música vai além do tocar. Temos alunos com deficiência visual, autistas, outros com síndrome de Down, e todos conseguem realizar o sonho de tocar. A música é o alimento da alma.

CARTA: A tradição musical prossegue na família?

MARIANA: A tradição musical persiste em nossa família. Já estamos na quarta geração, com Nicole e Stephan, 10 e 8 anos, respectivamente, bisnetos de Sônia, e netos de Silvânia, que já demonstram interesse na música, e se apresentam todos os anos nas audições.

No compasso: Sônia, Silvânia e Mariana são pianistas e professoras em uma tradição de família



AS MELHORES LEMBRANÇAS

As pianistas e professoras da família Saadi falam da importância das raízes árabes e do legado do casal Nair Dalla Saadi e Abido Saadi. Com muita música

Sônia Saadi destacou o caráter resiliente da família. “As raízes em minha formação me levam a fazer reflexões e ter muito orgulho de nossa descendência. Somos batalhadores, sem medo de enfrentar obstáculos. Também somos gentis, educados e movidos pelo coração, o que nos inspira e motiva a auxiliar e se importar com o próximo. Vencer é nosso lema, apesar de todas as adversidades. Amamos a família, nossa maior riqueza. Cada membro dela é um ramo da mesma árvore.”

Silvânia Saadi evoca a força da união e dos bons momentos vividos desde a infância. “As reuniões familiares aos sábados, com boa e farta comida

árabe preparada pela minha avó Nair, rendia tardes alegres e memoráveis. Virou tradição familiar. Esta cultura atravessou gerações e a mantemos em prática até hoje. Tudo isso é a base dos meus princípios. A música estava sempre presente nestes encontros, onde todos cantavam e tocavam. Só tenho ótimas e saudosas lembranças”, conclui.

“Tenho muito orgulho dos princípios que recebi da minha família”, diz Marina Saadi. “O exemplo de minha avó e minha mãe na música me incentivaram a seguir o mesmo caminho. Sigo essas raízes para a criação dos meus filhos, para as minhas aulas e no meu dia a dia. A cultura árabe nos ensinou a ter a família como base de tudo”. ■

FAMÍLIA BASSITT

EDUARDO BASSITT PORTO

“CAMPINAS É A MELHOR CIDADE DO BRASIL!”

Empresário da hotelaria e do setor esportivo, não mede palavras para declarar duas grandes paixões: o lugar onde vive e as raízes libanesas

CARTA DO LÍBANO: Qual a sua formação?

EDUARDO BASSITT PORTO: Sou formado em Administração de Empresas pela Facamp (Faculdade de Campinas), em 2003. Logo comecei a trabalhar na empresa da família, que começou com a sua parte de incorporadora e construtora, há 40 anos. Depois passamos a construir hotéis e pegamos gosto por administrar hotéis e restaurantes, que hoje é um dos meus principais setores de trabalho. Somos proprietários da rede

Vitória Hotéis, com cinco unidades, três delas aqui em Campinas, e em Paulínia, onde cuido do setor comercial e de marketing. Além disso, tenho uma agência de viagens esportivas e outra de marketing esportivo. Há 20 anos organizo corridas e outros eventos esportivos por todo Brasil, como a Meia Maratona de Jericoacoara, a Maratona de Campinas, fazia os eventos da Asics em São Paulo e no Rio de Janeiro, e também jogos de futebol com craques famosos. Eu gosto muito de trabalhar.

O empresário Eduardo Bassitt Porto: “Eu gosto muito de trabalhar”



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

“O esporte é minha paixão. E a hotelaria, que também é uma paixão, veio através da minha família”

CARTA: Qual o nome dos seus pais?

EDUARDO: Cintia Bassitt Nogueira Porto e José Eduardo Nogueira Porto. Minha mãe é nascida em Neves Paulista, descendente de libaneses, e meu pai é de Itápolis.

CARTA: Os negócios da família sempre foram situados em Campinas?

EDUARDO: Sim, porque meu pai veio muito jovem para cá. Aqui ele conheceu minha mãe que tinha vindo de São José do Rio Preto para fazer faculdade. Ele sempre trabalhou com construção civil e, a partir daí, os outros negócios foram tomando forma. Incorporadora, hotéis e restaurantes.

CARTA: Você também trabalha na incorporadora?

EDUARDO: Essa parte é dirigida por outra parte da família. Fico na hotelaria, no comercial e no marketing. Minha equipe comercial principal está sediada em São Paulo, porque é um mercado que representa 50% do faturamento dos hotéis.

CARTA: Como você vê o mercado de hotelaria em Campinas hoje?

EDUARDO: Está muito bom, se recuperou bem depois da pandemia, quando sofremos muito. A partir de 2022 teve início uma fase de crescimento. O mercado de hotelaria e turismo em Campinas é muito bom. E, mesmo sem saber para que lado vai a parte governamental temos que seguir em frente, temos que trabalhar.

CARTA: Qual o perfil do seu consumidor?

EDUARDO: Como são cinco hotéis, temos vários tipos de clientes, mas o principal é o corporativo, o empresário que vem trabalhar por aqui e fazer seus eventos em nossos hotéis. Temos uma estrutura muito grande para eventos.

CARTA: Quais as vantagens de Campinas para o seu negócio?

EDUARDO: Sou suspeito para falar de Campinas. Porque pra mim é a melhor cidade do Brasil. Não só por investir aqui, mas porque tem o melhor clima, com sol praticamente todos os dias, e sem extremos de temperatura, como em Ribeirão Preto, por exemplo. Tudo é perto, não tem trânsito, tem muitas empresas e muito dinheiro. É a capital da tecnologia do desenvolvimento no Brasil. O aeroporto mais próximo, mais novo e com menos pessoas no país está aqui. De Viracopos pode-se viajar para qualquer lugar do Brasil pela Azul. A qualidade de vida é magnífica e estamos há 40 minutos de São Paulo. Então, eu não preciso morar em São Paulo. Tem restaurantes maravilhosos, parques muito bons. É a única grande metrópole no interior de São Paulo. Sou muito fã de Campinas.

CARTA: Como você concilia o trabalho entre a hotelaria e o marketing de esportes?

EDUARDO: O esporte é minha paixão e a hotelaria, que também é uma paixão, veio através da minha família. Desde criança meus pais me incentivaram a praticar esportes e mais tarde descobri que o mercado esportivo não estava sendo bem trabalhado e explorado aqui no interior.



Álbum de família: Acima, Allim e Yolanda Bassitt, avós de Eduardo. Ao lado, Bady Bassitt. Abaixo, a bisavó Latife Gabriel Bassitt, Allim, Loft, Adibo e Adibe



“Sou totalmente libanês. Daí vem meu gosto pelo trabalho, o lado explosivo, o temperamento intenso, falo alto...”

Hoje, depois de 20 anos que estou no mercado, esse segmento está muito melhor. O segredo é ter boas equipes e eu tenho três: na hotelaria, no marketing esportivo e na minha agência de viagens esportivas, que é outro setor bastante em alta. Tanto para assistir eventos esportivos fora do Brasil, como campeonatos de tênis e de Fórmula 1, como praticar esportes, jogar tênis, fazer ciclismo na Itália etc. Eu supervisiono as equipes e tomo decisões dentro desses negócios. As empresas fisicamente ficam todas próximas, o que facilita meu trânsito entre elas para fazer reuniões e encontrar meus colaboradores.

CARTA: Vocês têm parcerias internacionais?

EDUARDO: Na parte da hotelaria temos agentes em praças fora do Brasil, para vender nosso negócio, e no marketing esportivo temos um sócio em Portugal, um famoso jogador de futebol, com um escritório em Lisboa.

CARTA: Sobre sua ascendência libanesa, como ela influenciou a sua vida pessoal e empresarial?

EDUARDO: Apesar de nunca ter ido para o Líbano, minha avó Yolanda Bassitt, ela passou para mim e para os meus irmãos traços da cultura árabe que estão entranhados em nós. E também nos meus primos. Por exemplo, a generosidade e o acolhimento das pessoas. Nunca vi ninguém receber em casa como a minha avó, e ela nos ensinou isso. Seja para comemorar alguma coisa ou apenas para conversar e passar um tempo juntos. A comida libanesa é algo que faz parte

do meu dia a dia, desde o café da manhã, no pão com coalhada seca. O tabule no almoço e o charutinho de folha de uva no jantar. Esses pratos e outros fazem parte do buffet em nossos hotéis. Tudo a partir de receitas da minha avó. Tenho um paladar muito apurado para a culinária libanesa, então certos restaurantes que são até bons para mim parecem fast food. Porque cresci acostumado com o melhor da comida libanesa. Isso está tão enraizado em mim que acabei ficando chato (risos). Minha família também tem o lado italiano e português, mas eu sou totalmente libanês. Daí também vem meu gosto pelo trabalho, o lado explosivo, o temperamento intenso, falo alto...

CARTA: Os italianos também são assim.

EDUARDO: Os libaneses são mais ainda. E eu sou ponta firme. E tenho um bom coração. Eu nunca fui ao Líbano, mas tenho muito amor pelo país. Fiquei muito feliz quando foi aberto o Consulado Honorário Libanês em Campinas. Não há nenhuma vantagem especial em ter um passaporte libanês, mas nosso amor pelo país é tão grande que a gente faz questão de ter. Quando houve a explosão no porto de Beirute, há dois anos, nós enviamos muita ajuda para lá. Quero muito conhecer o Líbano, mas ainda não consegui ir. Mas está nos meus planos. O sangue fala muito alto. Nas festas do meu casamento e dos meus primos, a grande atração foram as danças libanesas. Até quem não é libanês entrou na onda. Tenho muito orgulho de ser descendente de libaneses.



No alto, o ex-presidente, Michel Temer, ladeado pela família Bassitt. Acima, a empresária Yolanda Bassitt, uma lenda na região, no almoço em que recebeu Michel Temer, o vice-presidente Geraldo Alckmin e então prefeito de Rio Preto

“Minha avó (Yolanda Bassitt) foi uma pioneira. Ela recebia políticos e eles escutavam o que ela dizia”

CARTA: Você é da terceira geração da família no Brasil e não se afastou das raízes.

EDUARDO: Tudo graças à minha avó. Ela nos ensinou muito.

CARTA: De onde vem a família Bassitt?

EDUARDO: Meu tio Chibily escreveu o livro da família. Ele conhece toda a nossa origem.

CARTA: Você fala da sua avó Yolanda como de um ídolo.

EDUARDO: Para mim ela é. Ela perdeu meu avô, Allim Bassitt, um libanês raiz, muito cedo e acabou tocando as fazendas e a indústria sozinha. Sempre com pulso firme, brigou com ministério do governo, recebeu presidentes da República (Fernando Henrique e Michel Temer) e outros políticos na chácara dela. Aliás, eu tenho a foto dela montando o prato, à moda libanesa, para o presidente Temer. Minha avó foi uma mulher emblemática. Sempre pensando no bem da região. Nunca teve ambição política, mas brigava pelo crescimento do agro e o desenvolvimento da região. Brigou muito com o prefeito de Mirassol, porque queria ver o crescimento dos negócios no agro e na cidade.

CARTA: Quem ficou responsável pelos negócios dela?

EDUARDO: Quando ela morreu houve uma divisão das terras entre os herdeiros. Hoje, nós estamos vendo as melhores oportunidades de negócios. Como somos também uma incorporadora, há a possibilidade de transformar as terras em

condomínios. As terras que pertenceram a ela estão em volta de São José do Rio Preto, então é inevitável não urbanizá-las.

CARTA: Você diria que ela foi a maior empresária da região?

EDUARDO: Sempre achei. Ela foi uma pioneira. Eu era muito jovem, mas lembro dela em reuniões batendo de frente com muita gente. Como te falei, ela recebia esses políticos e eles escutavam o que ela dizia de verdade. Minha avó exerceu uma influência gigantesca. Até hoje nossa família é muito unida porque ela plantou essa raiz. Tenho 42 anos e sempre passo o Natal na nossa fazenda porque é um costume que ela cultivou. Quando ela era viva, as comemorações em família aconteciam em outras datas também, porque ela fazia questão de abrir a casa para todos nós. Fazia questão que todos estivessem sempre próximos. É uma base familiar libanesa.

CARTA: Sua avó era filha de Bady Bassitt?

EDUARDO: Ele era tio dela. Ele era pai do meu padrinho, Silvio Bassitt, que vive em São Paulo, mas passa metade da semana em Rio Preto porque ainda tem terras por lá. Toda a raiz dele é riopretense.

CARTA: São quantos os netos de dona Yolanda Bassitt?

EDUARDO: Doze. Eu sou o mais velho e represento essa família libanesa. Carrego essa tradição com muito orgulho. Sempre posto as comemorações das datas libanesas nas minhas redes sociais. ■



A anfitriã Yolanda Bassitt com o então presidente da República, Michel Temer, em março de 2017. A respeitadora matriarca de Rio Preto faleceu em agosto de 2018



SANTO LIBANÊS

A BEATIFICAÇÃO DE ESTEFAN DUWAYHI

Considerado o “pai da Igreja Maronita”, o patriarca Estefan Duwayhi viveu uma existência de fé, ensinamentos e caridade no século 17. Este ano, sua vida e seus feitos chegam mais perto da santidade

Na sexta-feira, 2 de agosto, aconteceu a grande cerimônia da beatificação oficial do patriarca Estefan Duwayhi (1630-1704), em Bkerke, cidade ao norte de Beirute e sede do Patriarcado Maronita no Líbano. Com missa celebrada pelo cardeal Marcelo Semeraro - representando o papa Francisco - o evento contou com as presenças do patriarca Bechara Rai, do primeiro-ministro Najib Mikati, de inúmeras autoridades religiosas, políticas e de milhares de fiéis. Os aplausos calorosos da multidão se misturaram ao som dos sinos em uma grande manifestação de celebração da fé.

Considerado o “pai da Igreja Maronita”, o patriarca Estefan Duwayhi viveu uma existência de fé, ensinamentos e caridade no século 17. Este ano, sua vida e seus feitos chegam mais perto da santidade

Na sexta-feira, 2 de agosto, aconteceu a grande cerimônia da beatificação oficial do patriarca Estefan Duwayhi (1630-1704), em Bkerke, cidade ao norte de Beirute e sede do Patriarcado Maronita no Líbano. Com missa celebrada pelo cardeal Marcelo Semeraro - representando o papa Francisco - o evento contou com as presenças do patriarca Bechara Rai, do primeiro-ministro Najib Mikati, de inúmeras autoridades religiosas, políticas e de milhares de fiéis. Os aplausos calorosos da

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Com beatificação autorizada pelo Vaticano, o patriarca Estefan Duwayhi junta-se à longa lista de santos da Igreja Maronita



multidão se misturaram ao som dos sinos em uma grande manifestação de celebração da fé.

O novo beato maronita - e primeiro aprovado pelo papa Francisco - destacou-se em seu tempo pelo espírito erudito e ampla visão de mundo, acreditando na missão maronita, crucial dentro do mundo árabe muçulmano, de se espalhar por toda a região. Sua Santidade aprovou a beatificação em 14 de março deste ano, depois da autenticação de um milagre atribuído ao venerável patriarca.

No dia seguinte à beatificação, foi a vez da celebração de missa em Ehden, local de nascimento do beato Estefan Duwayhi e conhecido retiro de verão da população de Zgharta.

A iniciativa para a beatificação partiu do padre Boulos Azzi, responsável pela introdução da causa dos santos na Igreja Maronita. Em 2019 ele apresentou ao Vaticano o dossiê de um milagre de cura atribuído à intercessão do patriarca Duwayhi.

UM FILHO DO SÉCULO 17

Conhecido como “Santo Patriarca”, “Santo dos Patriarcas”, “Pai da História Maronita”, “Pilar da Igreja Maronita”, “Segundo Crisóstomo”, “Esplendor da Nação Maronita” e “Glória do Líbano e dos Maronitas”, o beato Estefan Duwayhi nasceu em Ehden, reduto maronita no norte do Líbano, em 1630. Sua data de nascimento, 2 de agosto, coincidiu com o dia da festa de Santo Estêvão (Estefan), o primeiro diácono e o primeiro mártir maronita. A localidade é conhecida pela longa e rica tradição religiosa como berço de três patriarcas, trinta e quatro bispos, inúmeros padres, eremitas, monges e freiras.

Era filho de Mariam e do diácono Mikhael Duwayhi, irmão de Moussa e sobrinho do bispo Elias Duwayhi. Perdeu o pai quando tinha três anos de idade.

Dois anos depois, o menino Estefan ingressou na Escola Paroquial de São Pedro, recebendo noções básicas de aritmética, árabe e siríaco, e uma sólida formação cristã. Distinguiu-se pela inteligência prodigiosa e precoce.

ROMA NO CAMINHO

Reconhecendo a capacidade intelectual, as qualidades religiosas e morais do aluno, o patriarca Gerges Omayra Duwayhi e o bispo Elias Duwayhi, ambos de Ehden, decidiram enviar o garoto para completar os estudos em Roma. Em 1641, com apenas 11 anos de idade, Estefan chegou à Cidade Eterna.

Lá, entrou para o Colégio Maronita, fundado em 1584 pelo papa Gregório 13 e dirigido por padres jesuítas. Estefan surpreendeu a todos com sua inteligência superior, profunda compaixão e personalidade marcante. Um dos professores, o padre Sparsa, testemunhou: “Ensinei em muitas terras e em muitas universidades, mas não encontrei ninguém como o Estefan, no brilho da sua mente e na pureza da sua vida”.

Por conta do empenho e do esforço nos estudos, o rapaz quase ficou completamente cego. Porém, devido à fé na Virgem Maria recuperou a visão e nunca mais precisou usar óculos.

Aprendeu tudo o que Roma tinha para oferecer a um estudante brilhante. Tornou-se doutor em Filosofia e Teologia e, para além da formação canônica, era fluente em árabe, siríaco, latim, italiano, grego e hebraico. Mais tarde, adquiriu conhecimentos de francês e turco.

Em 1655, concluiu a formação intelectual com louvor e sua reputação como intelectual

Sua reputação como pensador espalhou-se por toda a Europa. Mas recusou propostas das universidades e cortes reais

Missa celebrada pelo patriarca maronita cardeal Bechara Boutros al-Rai com o representante papal, cardeal Marcello Semeraro, prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos



e pensador espalhou-se por toda a Europa. No entanto, recusou todas as propostas tentadoras das grandes universidades e das cortes reais. Preferiu voltar para o Líbano, porém antes passou seis meses pesquisando em todas as bibliotecas romanas, recolhendo documentos raros sobre os maronitas. Regressou ao seu país em 3 de abril de 1655, depois de viver catorze anos em Roma.

SACERDOTE DUWAYHI

Foi ordenado sacerdote em 25 de março de 1656, pelo patriarca Youhanna, no Mosteiro dos Santos Sarkis e Baco, em Ehden. Em seguida, abriu uma escola gratuita para crianças no Mosteiro de S. Yacoub Al-Ahbach.

No ano seguinte foi enviado a Alepo, na Síria, pelo patriarca Gerges Bshebhely, a fim de trabalhar pela unificação dos cristãos e auxiliar seu amigo, o bispo André Agheejan, o primeiro patriarca sírio-católico.

Voltou à sua escola, em Ehden, sendo nomeado missionário da Congregação da Propagação da Fé. Nesse mesmo ano de 1657,

novamente o patriarca Bshebhely o enviou em missão. Dessa vez para Jeíta, Kasrouan, designado para o ensino da pregação maronita. A seguir se dirigiu para o sul, para Saida e Marjeyoun. Finalmente, foi nomeado pastor de Ardee e das aldeias vizinhas ao norte do país.

Em 1662, a pedido do patriarca Bshebhely e da população, voltou a Alepo, onde passou a ser chamado de “Segundo Crisóstomo”. Por lá permaneceu seis anos. Ao retornar, em 1668, partiu em peregrinação à Terra Santa com a mãe e o irmão.

BISPO DE CHIPRE

Ao regressar da peregrinação recebeu com surpresa a notícia de que havia sido eleito bispo da ilha de Chipre. Recebeu a ordenação em 8 de julho de 1668 pelo patriarca Gerges Bshebhely. Antes de assumir o novo posto recebeu a incumbência de visitar e confortar as paróquias de Jebbee, Zawiya e Akkar, no norte libanês.

Iniciou a missão em Chipre se estabelecendo em Nicósia, aproveitando para conhecer todas as cidades maronitas da ilha. Pregou a palavra,

Mesmo em vida o patriarca Estefan Duwayhi era venerado como um santo

recolheu documentos e organizou a diocese que permanecera vaga por 34 anos. Teve de retornar brevemente ao Líbano, em 12 de abril de 1670, para o funeral do patriarca Gerges Bshebhely.

Pouco mais de um mês depois, Estefan Duwayhi foi ordenado patriarca em Qannubine, a sede patriarcal da época, no vale Sagrado.

TRINTA E QUATRO ANOS DE PROVAÇÕES

Ele praticamente não teria descanso durante seus 34 anos como patriarca. Por nove vezes se viu obrigado a fugir para Mar Challita Mekbes, em Ghosta; para Kesrouan; para Majdel Meouch, no Chouf, ou para Jbeil e Batroun devido a perseguições. Tais provações pessoais representaram toda a história e o destino do povo maronita. O patriarca estava sempre em movimento, escondendo-se em grutas ou outros lugares quase insalubres, carregando consigo notas e documentos, escrevendo até altas horas da noite em condições precárias, e preocupando-se com tudo e todos da Igreja Maronita.

Apesar das atribulações, Estefan Duwayhi construiu 27 igrejas e muitos mosteiros, ordenou 14 bispos e vários sacerdotes. Resguardou a Igreja Maronita da latinização e lhe deu uma identidade própria e distinta. Sua atuação foi decisiva na fundação da Ordem Libanesa, na conversão à fé católica do patriarca melquita Cirilo e na instituição do primeiro patriarca sírio católico. Reorganizou a Igreja Maronita, reafirmando seus fundamentos com a preciosidade de seus escritos.

Apesar dos deslocamentos constantes provocados pela agitação política e social, o patriarca escreveu 30 extensos livros de história e liturgia da Igreja, sem contar suas preciosas análises e a enorme correspondência trocada com papas, reis, cardeais e autoridades civis. Em sua obra constam: “História dos Tempos”, “As origens dos Maronitas”, “A Defesa da Ortodoxia dos Maronitas”, “O Livro das Ordenações”, “A Série dos Patriarcas Maronitas”, “A Lâmpada do Santuário”, “O Livro das Consagrações”, “O Livro das Anáforas”, “O Livro dos Ritos e Bênçãos”, “O Livro das Melodias Siríacas” e muitos outros.

Mesmo em vida o patriarca Estefan Duwayhi era venerado como um santo, sendo atribuídos a ele inúmeros milagres. A causa da sua beatificação, apresentada pela paróquia de Ehden, foi aceita por Roma e tem progredido rumo à santificação.

ISOLAMENTO E HÁBITOS AUSTEROS

Registros de época descrevem o patriarca Duwayhi como um homem de estatura média, testa larga, barba longa, constituição sólida, nariz aquilino e sobrancelhas bem definidas.

Recusou as honras romanas e procurou em vão recusar o episcopado e o patriarcado. Recebia os pobres e os camponeses da mesma forma que recebia grandes líderes.

Era um homem de oração, gostava do isolamento em grutas ou em locais ocultos, onde pudesse orar e meditar em paz. Em Qannubine, abriu uma janela em seu quarto para poder observar livremente o Santíssimo Sacramento e o Ícone de Maria na igreja.

Seus hábitos eram sóbrios e austeros. Segundo o seu contemporâneo e biógrafo, o bispo Semaan Awad - mais tarde patriarca, de 1742 a 1756 - “Nunca comeu carne durante a sua vida, exceto quando ordenado pelo médico ou por seu diretor espiritual e apenas por razões de saúde”.

Possuía todas as qualidades de um verdadeiro cientista da história e da liturgia. Tudo o que ele propunha era baseado em provas e documentos. Em Roma, investigou exaustivamente documentos relativos aos maronitas na Biblioteca e Arquivo do

Vaticano, no Colégio Maronita e em outras fontes de informação. No Líbano, Síria e Chipre, visitou quase todas as igrejas, mosteiros e casas maronitas, recolhendo documentos e manuscritos antigos e valiosos. Muitos dos fatos relatados por Duwayhi foram comprovados por descobertas posteriores.

O amor pela Igreja Maronita e pelo Líbano sempre foi a viga mestra da sua vida. Visitava quase todas as paróquias, revendo e corrigindo os livros que encontrava, organizando corretamente as administrações ou até mesmo pagando as dívidas. Graças a ele a Igreja Maronita foi dotada de todos os livros litúrgicos necessários para as orações, as consagrações e as bênçãos. Por tudo isso foi justamente chamado de “Pai da Igreja Maronita”. Quanto ao patriotismo, seus livros de história, outros de seus escritos e toda uma vida de proações e sofrimento atestam um

autêntico sentimento nacional. A ele devemos o conhecimento de muitos pontos obscuros da história maronita.

A morte chegou em 3 de maio de 1704, como ele desejava, na Sé de Qannubine, com o aroma da santidade.

Estefan Duwayhi foi um gigante, um gênio, alguém tão acima da média que o mundo não veria um homem como ele durante séculos. Seu biógrafo, Semaan Awad, disse: “Ele era como uma águia voando acima de todos os pássaros e estava entre os seus pares como o Sol entre as estrelas”. Falava-se de seus milagres, mas sem dúvida, o maior milagre que alguma vez realizou foi sua vasta obra. Só mesmo uma pessoa inspirada, encorajada e exaltada por uma força maior pode produzir o tesouro gigantesco e enciclopédico que ele deixou para ser admirado pela posteridade. ■



Cerca de 7.000 fiéis se reuniram para comemorar a cerimônia de beatificação do patriarca Douaihy, no último dia 2 de agosto em Bkerké, Líbano

VERÃO NO LÍBANO

TRANSTORNOS DE VERÃO

Com a escalada do conflito no Oriente Médio e a crise interna que não dá trégua, o turismo no Líbano sofre prejuízos. Porém expatriados e locais driblam as perdas e mostram resiliência

Além dos turistas com destino para o mundo árabe e a Ásia, expatriados voltando para casa no verão lotaram os voos para o Líbano. Esse trânsito intenso pelos céus desafiou a guerra psicológica travada pela mídia israelense e alguns veículos de comunicação ocidentais sobre o conflito secundário — ou guerra de distração — em andamento ao redor da fronteira sul na Terra dos Cedros.

Ameaças crescentes por parte de políticos e líderes militares israelenses não conseguiram impedir que as pessoas na diáspora libanesa visitassem o país. O sul, ao longo da fronteira com Israel, é volátil e há preocupações de que uma guerra em grande escala possa substituir as escaramuças de longa duração e o fogo de mísseis lá.

No entanto, as pessoas voltam ao país de origem em viagens de um dia e reuniões que continuam

sendo uma parte tradicional da vida no verão.

Porém os hotéis não vão tão bem. As taxas de ocupação estão baixas e a capacidade vem sendo reduzida. Festivais de música foram cancelados, com a reserva de hospedagem de grandes artistas se tornando mais difícil devido a preocupações com segurança ao se reunir grandes multidões em um mesmo lugar.

O tráfego turístico que permaneceu veio em grande parte de áreas onde essa cautela não é um impedimento.

FÉRIAS ARRISCADAS

Neste verão que chega ao fim, o Líbano é mais uma vez uma terra de contradições. Enquanto os expatriados chegam como de costume para celebrar a temporada e se reunir com amigos e familiares, os problemas do país continuam e não apenas nas fronteiras. A cada dia, o Líbano mergulha mais fundo no caos político e na turbulência econômica e social.

FOTOS: SOUAR

Apesar dos conflitos que castigam o país e fazem subir a tensão na região, Beirute se mantém atraente e cheia de vida



Expatriados libaneses vindos do Golfo e de outros países árabes e africanos formam a maior percentagem de chegadas

Os serviços públicos se deterioraram, a ponto de escassez. Há falhas crônicas no fornecimento de eletricidade e problemas com as conexões telefônicas e de internet. A água potável pode ser escassa.

Também existem problemas nas estradas, desde a profusão de buracos não reparados até pontes necessitando de manutenção significativa. Esses são contratempos que os expatriados e a maioria dos turistas provavelmente não enfrentam se hospedando em suas casas comuns.

No entanto, os visitantes se arriscam em uma estadia de verão. Segundo dados do Aeroporto Internacional Rafic Hariri, o número total de chegadas entre o início de 2024 até o final de junho foi de 1.545.666, em comparação com 1.452.996 partidas.

Como todos os anos, expatriados libaneses vindos do Golfo, outros países árabes e africanos formam a maior percentagem de chegadas - entre 60% e 70% - enquanto os turistas árabes representam cerca de 25%, principalmente sírios e iraquianos, além de uma porcentagem menor de jordanianos e egípcios. Turistas estrangeiros, principalmente da Europa, representam não mais do que 5% do tráfego.

As taxas de chegada diárias são as mesmas do ano passado, em torno de 12.000 passageiros. Há um total de 85 a 90 voos por dia, compostos por aviões de entrada e saída. Eles apresentam entre 90% e 100% de ocupação.

Esses números, pelo menos, alimentaram otimismo moderado no setor. A Association of Travel and Tourism Agents (ATTA) espera que os desembarques diários atinjam o pico em torno de 15.000, sem uma piora na situação de segurança. E qualquer avanço na solução da situação no sul pode abrir caminho para uma melhora a partir do próximo verão.

LOTAÇÃO ESGOTADA

A demanda não cresceu, mas também não houve uma onda de cancelamentos de voos de entrada, de acordo com a ATTA. As reservas de saída, especialmente para pontos de trânsito posteriores, como Dubai e Istambul, aumentaram.

A Middle East Airlines, companhia aérea nacional do Líbano, não cortou a programação de voos. Seis voos diários foram adicionados em julho e agosto, principalmente vindos da Alemanha, Dinamarca, Itália, Espanha, Grécia e Chipre, com partidas semanais adicionais para o Egito, Jordânia, Kuwait, Catar e Emirados Árabes Unidos.

O aumento do conflito no sul segue uma corrida difícil para o turismo no Líbano, depois que a crise econômica e financeira do país prejudicou o setor privado. A maioria dos hotéis está com metade da capacidade, com alas inteiras fechadas a fim de cortar custos.

As taxas de ocupação típicas em Beirute estavam entre 50% e 90% nos últimos anos. Agora estão entre 20% e 40%, na melhor das hipóteses. Fora da cidade, a ocupação é limitada a estadias de fim de semana. Mesmo assim, não ultrapassa 10%.

CHECK-OUT

As receitas dos hotéis caíram mais de 50% ano a ano, de acordo com números divulgados pela Associação de Proprietários de Hotéis (HOA) do Líbano.

As taxas de reserva também sofreram após o aumento da popularidade da plataforma de acomodações online Airbnb. O chefe da HOA, Pierre Achkar, chamou a competição de injusta e pediu que o site pagasse taxas e impostos ao estado, alinhando-se com o sistema regular de turismo.

O setor de acomodações temporárias mais



Simplemente
irresistível: O
mundo se rende às
delícias milenares
preparadas nas
cidades e aldeias,
entre o mar e as
montanhas



Pacote completo:
Hospitalidade,
variedade, história
e beleza natural
prosseguem
fazendo da Terra
dos Cedros um
destino certo para
turistas e os filhos
da diáspora



Visitantes dos EUA e do Brasil não vieram ao Líbano devido à distância e ao desconforto diante do conflito

amplo também sente o impacto dessa nova forma de competição. Apartamentos mobiliados há muito são alugados por expatriados que retornam, famílias árabes visitantes e até mesmo turistas estrangeiros. Os imóveis oferecidos por meio de fontes de reserva tradicionais costumam custar entre 80% e 100%.

O número deste ano está abaixo de 20%. Grande parte da queda também se deve ao Airbnb. De acordo com a Associação de Apartamentos Mobiliados do Líbano, tornou-se impossível competir com os aluguéis praticados no site pagando apenas uma fração das taxas cobradas pela indústria tradicional.

Os operadores de apartamentos mobiliados também cortaram a capacidade, com alguns operando em 50%. Muitos consideram seriamente boicotar o pagamento de taxas municipais e as contas de energia e água.

Resorts de praia e parques aquáticos também andam em baixa, com atividade menor entre 40% e 50% em relação ao ano passado. As receitas dos restaurantes caíram 30%.

DESACELERAÇÃO NO SUL

Tony al-Rami, chefe da Associação de Restaurantes, Boates, Cafés e Confeitarias do Líbano, disse à Al Majalla: "À medida que nos aproximamos do sul, a situação se torna mais miserável. Os parques e restaurantes em Jezzine, Sidon e Tiro foram muito afetados pela guerra".

Ele acrescentou que, desde 7 de outubro e a guerra em Gaza, alguns negócios turísticos só abriram por oito dias durante os feriados de Natal e Ano Novo.

O declínio chega como outro golpe para um setor resiliente, que inclusive conseguiu reabrir

após a explosão do Porto de Beirute, em 2020, sem recursos públicos ou grandes pagamentos de seguros, destacou Al-Rami.

Ele declarou que visitantes dos EUA e do Brasil "não vieram ao Líbano devido à distância", bem como ao desconforto diante do conflito, "enquanto expatriados libaneses de países árabes, que têm suas casas aqui, vieram como de costume".

Al-Rami também aceita que "a quase ausência de turistas europeus, egípcios, jordanianos e do Golfo enfraqueceu a temporada de verão". Ele descreve o ciclo geral do turismo como "miserável", com locadoras de veículos, hotéis, pensões e até guias turísticos, todos experimentando um declínio na atividade ligado à crise nos restaurantes.

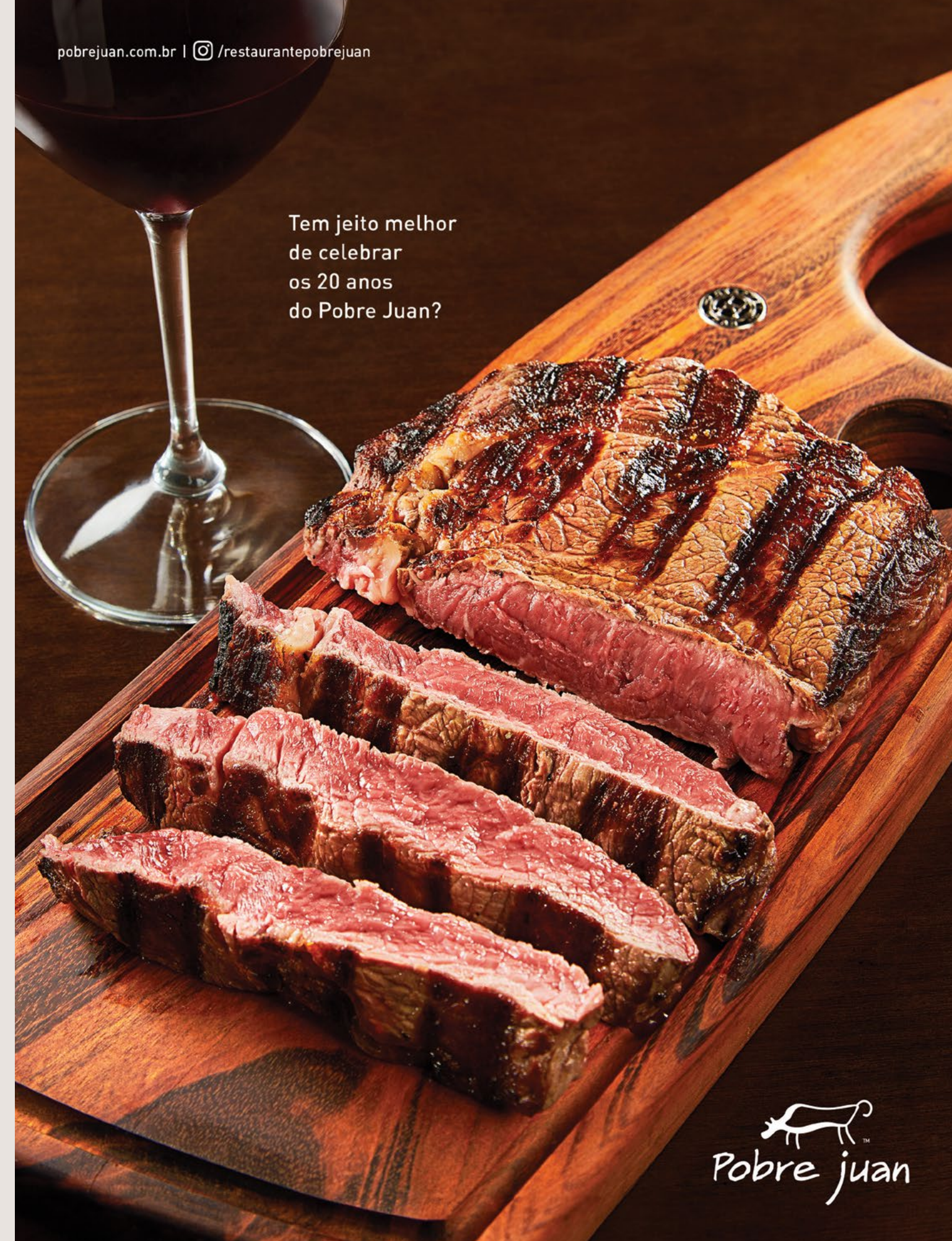
DISTRAÇÃO FUGAZ

Os festivais de música do Líbano são algumas das principais atrações da temporada, mas a perspectiva de agravamento do conflito tornou difícil trazer grandes artistas e bandas em meio a preocupações com a segurança em grandes multidões.

Isso levou a uma série de cancelamentos, incluindo os festivais Beiteddine, Tiro, Jezzine e Zahle. Todos esses eventos culturais nas províncias do sul do Líbano e vale do Bekaa cessaram, assim como em partes de Beirute.

O Comitê do Festival Internacional de Baalbek anunciou o cancelamento de seus projetos artísticos e concertos nas históricas ruínas da cidade, limitando as atividades a dois concertos realizados no centro de Beirute.

Neste cenário de contrastes, o público foi grande, mostrando o desejo do povo libanês em desafiar a guerra e suas repercussões, e de expressar seu anseio por paz, segurança e pelos momentos de escapismo que os distraíram por décadas. ■



Tem jeito melhor de celebrar os 20 anos do Pobre Juan?

ALMOÇO PODEROSO

Conhecida como empresária, Rosely Cury também domina a arte de receber como ninguém. Seu almoço, para um grupo de empresários e personalidades ligadas ao mundo corporativo e das finanças, foi uma prova disso

Minta-se Muito prestigiado o almoço oferecido por Rosely Cury em torno de amigos e personalidades ligadas ao mundo empresarial e à Fiesp. A empresária abriu seus salões no último 7 de julho, em mais uma tarde marcada pela hospitalidade impecável, cardápio delicioso, bom papo e boa música. Rosely chamou atenção para a lista de convidados: “Pessoas que geram emprego”, definiu.

Entre os presentes, o cônsul-geral do Líbano em São Paulo, Rudy el-Azzi, que encontrava a anfitriã pela primeira vez. Ele agradeceu o convite e

destacou a atmosfera agradável da ocasião.

Também responderam ao convite da empresária o psiquiatra e professor Guilherme Messas, o professor Marcelo Censoni, o jornalista Fouad Naime - diretor de Carta do Líbano - o diretor da Fiesp Erick Sanches e Ana Karin Andrade, presidente do Instituto Mulheres Solidárias.

O encontro contou ainda com as presenças da atriz Rosana Pena, do escritor Fábio Porchat, além de Alessandra Iara e Fernando Jardim, Patrícia Loureiro, Valéria Gouvêa, Caique Geradi, Ovadia Saadia, Tadeu e Jo Ribeiro.

A trilha sonora ficou por conta dos cantores Marcel Kogos e Liah Soares, que apresentou o repertório de seu show “Roberto Carlos em Bossa e Jazz”. ■

FOTOS: ERNESTO EILERS



Café society: A empresária Rosely Cury, presidente do Grupo Albatroz e impecável anfitriã

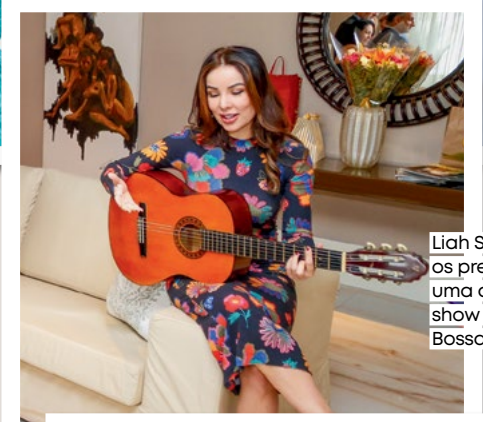
Rosely Cury com Valéria Gouveia



A anfitriã com Ana Karin Andrade e o professor Guilherme Messas



Encontro marcado com a hospitalidade e o bom gosto da anfitriã



Liah Soares brindou os presentes com uma amostra do seu show Roberto Carlos Bossa and Jazz

Diplomacia: Rosely Cury com Rudy el-Azzi, cônsul-geral do Líbano em São Paulo



Trilha sonora: o repertório internacional de Marcel Kogos



O diretor da Fiesp, Erick Sanches



O editor Fouad Naime e cônsul Rudy el-Azzi



Ana Karin Andrade, Rosely Cury e Rudy el-Azzi



VIP selfie: Rosely com os que atenderam o seu convite para uma tarde boa música, bom papo, boa convivência e bons pratos



A empresária abriu seus salões em mais uma tarde marcada pela hospitalidade impecável, cardápio delicioso e bom papo

Alessandra Iara Cunha, da Luxus Magazine, e Rosely Cury



ENTIDADE

FRANCISCO APARECIDO
RAHAL FARHAT

“NOSSOS
ANTEPASSADOS
NOS ENSINARAM
A IMPORTÂNCIA
DO AMOR, DA
SOLIDARIEDADE
E DA ÉTICA”

Há mais de cem anos a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba promove os valores e a cultura de um povo, representando uma das grandes comunidades árabes do estado de São Paulo

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Francisco Aparecido
Rahal Farhat,
atual presidente
da Sociedade
Beneficente Sírio
Libanesa de
Piracicaba



A fachada da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa - que será ampliada. Ao lado, o obelisco na praça Sírio Libanesa, marco da imigração na cidade



Inauguração em 29 de outubro de 1967, do obelisco projetado pelo arquiteto João Chaddad, oferecido pela SBSL, em homenagem ao bicentenário de Piracicaba e à acolhida da colônia síria e libanesa pela cidade

A importante comunidade sírio libanesa da cidade de Piracicaba, no interior paulista, tem em sua centenária Sociedade Beneficente a mais relevante instituição. Fundada em 1902, a Sociedade trabalha no sentido de preservar, resgatar e divulgar a cultura, tradição e valores inerentes ao povo de origem árabe, atuando igualmente nas áreas social e filantrópica do município. Carta do Líbano conversou com Francisco Aparecido Rahal Farhat, presidente da instituição no biênio 2024-2025 e procurador geral do município há 25 anos.

CARTA DO LÍBANO: Quando o senhor assumiu a presidência da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba?

FRANCISCO APARECIDO RAHAL FARHAT: Em janeiro deste ano para um mandato de dois anos.

CARTA: Quais os principais pontos que vêm sendo trabalhados na atual gestão?

FRANCISCO: No plano de gestão, priorizamos a ênfase na preservação e divulgação de nossa cultura e tradições. Também nos preocupamos com a participação ativa dos jovens, que

representam a continuidade de nossos valores e tradições, princípios tão caros aos sírios e libaneses. Sem esquecer aquilo que por décadas contribuiu para o engrandecimento de nossa comunidade e, por isso, damos continuidade ao projeto de construção de uma nova sede, equipada com melhor nível de acessibilidade para que todos possam vivenciar a Sociedade de maneira total.

CARTA: Quando a Sociedade foi fundada e conta com quantos sócios?

FRANCISCO: A fundação aconteceu em 16 de novembro de 1902, funcionando desde então de maneira ininterrupta. Atualmente contamos com 205 associados.

CARTA: Quais os fatos marcantes na história da instituição?

FRANCISCO: Nossa história é permeada de resiliência e dedicação que geraram muitos frutos, em especial nas áreas educacional, cultural, política e filantrópica. Entre tantos fatos, destaco a sabedoria de nossos antepassados que escolheram a antiga Rua do Comércio, hoje Rua Governador Pedro de Toledo, no centro comercial da cidade, fazendo jus às raízes da comunidade. Igualmente importante é o reconhecimento da população e das autoridades de Piracicaba,

como o Legislativo municipal, com a realização da Semana de Cultura Árabe, e a construção do pórtico que simboliza a chegada dos imigrantes, na Praça Sírio Libanesa, Executivo.

CARTA: Quais as principais datas no calendário de atividades da Sociedade?

FRANCISCO: Ocorrem nos meses de abril e novembro, com a já citada Semana de Cultura Árabe e a comemoração da independência da Síria, no primeiro semestre. No segundo, o aniversário de fundação da Sociedade e a independência do Líbano.

CARTA: Como vocês trabalham a promoção e a preservação da memória e da cultura da comunidade?

FRANCISCO: Através de festividades, exposições, cursos, sessões solenes e cerimônias religiosas. Prezamos por enaltecer nossos antepassados e celebrar seus costumes, ensinamentos e aspectos culturais, de sírios e libaneses.

CARTA: Quais os planos futuros?

FRANCISCO: Nosso principal objetivo é empreender para a continuidade de construção de nova sede, com uma estrutura mais adequada para todas as áreas.

CARTA: Qual a sua formação e o que o levou a essa escolha profissional?

FRANCISCO: Sou formado em Direito pela Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, e especializado em Direito Administrativo pela PUC de São Paulo. Atuo há mais de 25 anos como procurador jurídico de Piracicaba. Minha escolha foi pautada no exercício do Direito Público, o que me possibilita contribuir, como profissional e cidadão, no desenvolvimento de políticas públicas destinadas a uma sociedade mais justa e solidária.

CARTA: De onde vêm as origens árabes da família?

FRANCISCO: Meu bisavô, Abdalla Rahal Farhat, nasceu em 1893, em Ebel el-Saqi, no sul do Líbano.

CARTA: Qual a importância desse legado em sua vida pessoal e profissional?

FRANCISCO: A origem libanesa me influenciou de maneira enfática, pois nossos antepassados nos ensinaram a importância do amor, da espiritualidade, da humildade, da amizade, da lealdade, do trabalho, da solidariedade, da dignidade e da ética que devem permear todo ser humano. Ou seja, lições de vida que são cultuadas e preservadas por toda a nossa comunidade. ■

PALADAR LIBANÊS À BEIRA MAR



O empresário El Badaoui Farid Afif: restaurante é resultado de uma tradição familiar

Um jovem casal libanês, Farid Antonius Afif e Ivone Afif, chegou ao Brasil em 1952 juntamente com os 5 filhos. Migraram do Líbano em busca de uma vida melhor para a família, pós-recessão da Segunda Guerra Mundial, em uma viagem de navio que durou 30 dias.

O desembarque foi no porto de Santos, trazendo na bagagem muito mais do que só memórias da terra natal. Trouxeram também coragem, esperança, vontade de vencer e, claro, as receitas maravilhosas da culinária libanesa que eram tradição da família.

Em 1961, na cidade de São Paulo, a família inaugurou seu primeiro restaurante dedicado à culinária árabe e desde então a tradição passou de uma geração a outra.

Hoje, o El Badu's Empório Árabe é muito mais do que um empório, é um convite à gastronomia, arte e cultura libanesas que a cidade de Peruíbe acaba de ganhar. ■

SERVIÇO

El Badu's Empório Árabe
Av. Padre Anchieta, 4055
Cidade Nova Peruíbe, Peruíbe – SP
Telefone: (13) 99619-7772
Instagram: @elbaduemporioarabe

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Tesouro na bagagem: Desde 1961 a família se destaca na gastronomia árabe por conta das receitas que vieram nas malas dos antepassados imigrantes libaneses

ENTRE ASPAS

“O propósito de nossas vidas é ser feliz”

– DALAI LAMA

“A vida é o que acontece quando você está ocupado fazendo outros planos”

– JOHN LENNON

“OCUPE-SE VIVENDO OU OCUPE-SE MORRENDO”

– STEPHEN KING

“Só se vive uma vez, mas se você fizer isso direito, uma vez é o suficiente”

– MAE WEST

“Muitos dos fracassos da vida são pessoas que não perceberam o quão perto estavam do sucesso quando desistiram”

– THOMAS A. EDISON

“Para escrever sobre a vida, primeiro você deve vivê-la”

– THOMAS A. EDISON

“Nunca deixe que o medo de fracassar o impeça de jogar o jogo”

– BABE RUTH

“A VIDA VEM DA TERRA E A VIDA RETORNA À TERRA”

– ZHUANGZI

“Três coisas na vida: sua saúde, sua missão e as pessoas que você ama. É isso”

– NAVAL RAVIKANT

“A coragem nem sempre ruge. Às vezes, a coragem é uma voz calma no fim do dia dizendo: ‘Vou tentar de novo amanhã’”

– NAVAL RAVIKANT



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

FLORESTA[®]

FERRAGENS & FERRAMENTAS

45 anos solucionando
projetos audaciosos!



FLORESTA